



Vol. 4 nº 8 jul./dez. 2009  
p. 99-III

## O IMPACTO DO ENCARCERAMENTO MATERNO NO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DOS FILHOS

Claudia Stella<sup>1</sup>  
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

**Resumo:** A instituição prisional possui um significado cultural específico que pode influenciar as relações individuais das crianças, filhos de mulheres presas, e seu processo desenvolvimental nos ambientes de sua convivência, seja na escola, na vizinhança e/ou na própria família, nos quais pode ser reproduzido o estigma social imposto a essas crianças, por associação à condição das mães. O objetivo deste artigo é revisar teoricamente as etapas de desenvolvimento psicossocial da obra de Erik Erikson e a partir daí refletir sobre o impacto da separação mãe-filho pela prisão no processo desenvolvimental das crianças. Com base nos apontamentos realizados, podemos considerar que o aprisionamento materno é um evento importante na vida dos filhos, com um significado social específico e que pode resultar em dificuldades para a resolução de conflitos de determinadas fases de sua vida; seu impacto pode ser intensificado ou não de acordo com a fase de desenvolvimento em que a criança se encontrava quando do aprisionamento materno.

**Palavras-Chave:** Filhos de mulheres presas; Desenvolvimento humano; Prisão.

### THE IMPACT OF MATERNAL IMPRISONMENT ON DEVELOPMENT PSICOSSOCIAL OF CHILDREN

**Abstract:** The prisional institution has a specific cultural meaning cultural that can influence the individual relations of children; children of imprisoned women, and their development process in environments where their lives, can be on the school, in the neighborhood or a family themselves, in which can be reproduced the social stigma, on it put on the children for association in a mother's condition. The objective of this article is to revise a psicossocial development's stages theoretically of Erik Erikson and from this point make a reflection in the impact of the separation mother-son for the prison in a process development of the children. On the basis of the carried through notes, we can consider that the maternal imprisonment is an important event in a children's life, with one meaning social specific and that can result in difficulties to the conflict resolution in a phases's specifics of their lives the impact can not in accordance with be intensified or the development phase where child was in a maternal imprisonment.

**Keywords:** Arrested women's children; Human development; Prison.

## 1. INTRODUÇÃO

Várias teorias das Ciências Humanas e Sociais – especialmente da Psicologia e da Pedagogia – desenvolveram a concepção de que para a criança ter um desenvolvimento pleno e saudável é indispensável a presença dos pais, especialmente da mãe (SPITZ, 1993; BOWLBY, 1995).

O tema deste artigo envolve um conceito de família com relações antagônicas de cuidados, desenvolvimento de crianças e prisão parental, em especial a materna, pois “as mães, que são as principais guardiãs das crianças em nossa sociedade, quando presas, são atingidas por imagens negativas e estigmatizadas, ferindo o mito da ‘boa mãe’” (STELLA, 2000, p.11). Em outros termos:

Insinua-se que a mulher criminosa apresenta um real perigo para a sociedade, mais do que muitos homens perigosos e violentos, por seu potencial de influenciar seus filhos e, possivelmente, encorajá-los a atitudes criminosas (STANTON, 1980, p.4).<sup>2</sup>

A prisão materna, além de provocar as conseqüências já mencionadas, na maioria das vezes, tem outros efeitos sobre as crianças, como: a mudança de seu cuidador primário, a perda de apoio emocional e, muitas vezes, do apoio financeiro, podendo, nesse tipo de separação, serem atingidas de uma forma mais intensa, em seu processo desenvolvimental. Por isso, a separação mãe-filho pela prisão não pode ser tratada como outra separação (morte, divórcio), pois possui características específicas, quais sejam, a mudança do papel social da mãe e a influência do significado social da instituição prisional. O objetivo deste artigo é revisar teoricamente as etapas de desenvolvimento psicossocial da obra de Erik Erikson e a partir daí refletir sobre o impacto da separação mãe-filho pela prisão no processo desenvolvimental das crianças.

## 2. A PRISÃO

A instituição prisional – cujo objetivo seria transformar a alma do criminoso, reintegrando-o socialmente como um ser humano (Foucault, 1995) – surgiu há pouco mais de dois séculos e assumiu uma posição de destaque na sociedade atual.

Horkheimer e Adorno (1985), no texto *Fragmentos de uma teoria do criminoso*, argumentam que tanto o criminoso como a pena de privação de liberdade se constituem em instituições da sociedade burguesa. Ao contrário dos suplícios, hoje as penas não sentenciam somente o corpo, mas sim, aprisionam a alma dos indivíduos, com o objetivo de transformá-los ou enquadrá-los dentro dos padrões esperados pela sociedade.

O encarceramento produz sérios e indesejáveis problemas sociais, sendo a reincidência um dos mais graves, pois além da pena de privação de liberdade, lança

o sujeito ao mundo do crime, obrigando-o a uma violenta rotina institucional, concretizada pela violência psicológica, reproduzida pelos agentes institucionais.

Para Goffman (1996), a prisão é uma instituição total<sup>3</sup> que – como os manicômios e os conventos – possui uma tendência a fechar-se ao mundo exterior. “Seu ‘fechamento’ ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico” (GOFFMAN, 1996, p.16).

Quando o indivíduo chega a uma instituição total, traz consigo uma consciência desenvolvida no mundo externo. Essa consciência é constantemente exposta às práticas institucionais de “rebaixamento, degradações, humilhações e profanações do eu” (GOFFMAN, 1996, p.24).

Esse processo, denominado pelo autor de “mutilação do eu”, é intensificado pela desconfiguração pessoal imposta pela instituição, como corte de cabelo e uso de uniformes padronizados. Para Goffman (1996), as instituições totais se constituem em uma grave ameaça ao eu. Se a mutilação do eu, nos termos do autor, corresponde a uma falsa consciência e a uma consciência de si danificada, nos termos da teoria crítica, é de se esperar uma danificação ainda mais acentuada no caso das mulheres, já que as práticas culturais do mundo externo incentivam a vaidade e diferenciação femininas. Goffman, para exemplificar esse tipo de desconfiguração pessoal, utiliza o exemplo de prostitutas presas, numa de suas raras citações sobre mulheres presas (cf. GOFFMAN, 1996). Nas prisões, especialmente, o indivíduo é despido de sua identidade e de sua individualidade, compondo uma massa de iguais.

A tensão psicológica decorrente da rotina e da exposição contaminadora exige do indivíduo uma reorganização de seu eu. Na verdade, uma adaptação à instituição para que ele possa sobreviver no interior institucional, sem a constante ameaça de ser aniquilado.

Nesse sentido, a prisão possui um significado cultural específico que pode influenciar as relações individuais das crianças, filhos de mulheres presas, e seu processo desenvolvimental, nos ambientes de sua convivência, seja na escola, na vizinhança e/ou na própria família, nos quais pode ser reproduzido o estigma social imposto a essas crianças, por associação à condição das mães.

### 3. O CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO

A socialização, seja ela primária protagonizada na esfera familiar, seja secundária realizada em meios sociais mais amplos, tal como a escola, exige do indivíduo uma adaptação à sociedade e à cultura. Essas adaptações estão intimamente ligadas à fase de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra.

Por exemplo, um bebê participará de uma socialização completamente diferente de um adolescente ou de um jovem adulto, já que o primeiro ainda não possui

capacidades biológicas, psíquicas e culturais para outras relações sociais, que não com seus adultos significativos.

O desenvolvimento humano é determinado socialmente desde o seu início, quando em sua completa dependência o indivíduo é apresentado à cultura e à sociedade pelos adultos de seu grupo primário (HORKHEIMER; ADORNO, 1973), participando, ainda que sem possibilidades de reflexão, da manutenção de ideais sociais. No decorrer da socialização, o indivíduo, conforme caminha para sua independência, adquire possibilidades de reflexão, autonomia e individuação.

A maioria das teorias de desenvolvimento humano descreve etapas até a adolescência (Freud, Piaget, Wallon, por exemplo); contudo, como adultos, sabemos, retrospectivamente, quantos obstáculos é preciso ultrapassar e quantas vezes isto nos impulsiona ou nos faz regredir. Se as etapas principais do desenvolvimento estão descritas e analisadas nas primeiras fases da vida, isso não quer dizer que o desenvolvimento termina com a adolescência, porém continuamos a nos modificar durante todo o ciclo da vida, de acordo com os preceitos normativos e culturais da sociedade em que vivemos.

Dentre os teóricos do desenvolvimento humano, encontra-se na obra do psicanalista Erik Erikson (1902 –1994) uma teoria sobre o ciclo completo de vida, em grande parte elaborada com base na teoria da personalidade exposta por Freud.

Embora seus estudos formais não tenham ultrapassado o curso colegial, Erikson tornou-se um dos mais influentes psicanalistas e professores da Universidade de Harvard. Treinado em psicanálise por Anna Freud, o autor baseou sua teoria na observação de seus pacientes, especialmente as crianças, mas também em seu próprio desenvolvimento.

Algumas crises pelas quais passou parecem ter contribuído para suas reflexões teóricas sobre a identidade. Durante muitos anos, Erikson acreditou ser filho biológico de seu padrasto, cujo nome era Homburger. A mudança de seu nome ocorreu aos 39 anos quando Erikson se tornou um cidadão americano. Erik Homburger passou a se chamar Erik H. Erikson (Erik filho de Erik). Durante os seus estudos primários, Erikson relata ter sofrido uma segunda crise de identidade, pois apesar de se considerar alemão, seus colegas alemães o rejeitavam por ser judeu, e os meninos judeus o desprezavam por sua aparência ariana (SCHULTZ; SCHULTZ, 1981). Depois que terminou o curso colegial, Erikson vagou pela Europa em busca de sua identidade, até aos 25 anos, quando começou a lecionar em uma pequena escola de Viena, destinada aos filhos de pacientes e amigos de Freud. Um outro fato marcante é que a sua obra foi sendo elaborada, acrescida e modificada conforme seu próprio desenvolvimento pessoal.

Para Erikson, o desenvolvimento humano, em qualquer etapa do ciclo da vida, fundamenta-se em três eixos organizadores: soma, que se refere à constituição biológica do corpo; psique, que corresponde à síntese do ego relativa ao processo psíquico das experiências do indivíduo; etos, que se baseia na organização cultural de uma dada sociedade.

A integração dos eixos organizadores do desenvolvimento humano fica mais clara, no texto do autor, pelos relatos das crises psicossociais. O tema central da

teoria de Erikson é a busca pela identidade do ego no desenvolvimento da personalidade, que terá sua grande crise na adolescência.

Na descrição de seus oito estágios de desenvolvimento, Erikson descreve as crises psicossociais pelas quais o indivíduo tem que passar. As crises aparecem conforme o meio externo faz novas exigências ao indivíduo e podem ser resolvidas de dois modos: um adaptativo e outro inadaptativo. Somente quando o indivíduo tiver resolvido o dilema do estágio anterior e sua personalidade tiver se modificado, ele estará preparado para o próximo estágio de desenvolvimento. É interessante ressaltar que para Erikson o conceito de crise tem um significado normativo.

Este autor segue as etapas de desenvolvimento descritas por Freud, trazendo sua contribuição psicossocial, com exceção da etapa genital subdividida em quatro na obra eriksoniana, já que Freud relaciona a organização da genitalidade a partir da adolescência, não aprofundando as crises posteriores da evolução afetiva humana, como fez Erikson. Um importante conceito de Erikson para o entendimento do desenvolvimento do ciclo vital é o princípio epigenético, no qual a evolução das partes, com um tempo de maturação próprios, constitui a síntese total do organismo em funcionamento, importante para as aquisições e transformações da identidade.

No quadro abaixo estão as oito fases de desenvolvimento formuladas por Erik Erikson, relacionadas com as etapas de Freud e com as idades aproximadas de desenvolvimento, e logo após estão os processos desenvolvimentais de cada fase.

<i>Estágios de identidade (idade aproximada)<sup>1</sup></i>	<i>Freud Etapas</i>	<i>Erikson Desenvolvimento Psicosexual</i>	<i>Erikson Crises Psicossociais</i>	<i>Raio de relações Significativas</i>
I Período (até 1 ano)	Fase oral	Oral-respiratório, sensório-cinestésico (modos incorporativos)	Confiança básica vs. Desconfiança básica	Pessoa maternal
II Infância inicial (1 a 2 anos)	Fase anal	Anal-uretral, muscular (retentivo-eliminativo)	Autonomia vs. Vergonha e dúvida	Pessoas parentais
III Idade do brincar (3 a 5 anos)	Fase fálica	Infantil-genital, locomotor (intrusivo, inclusivo).	Iniciativa vs culpa	Família básica
IV Idade escolar (6 a 12 anos)	Latência	Latência	Diligência vs inferioridade	Vizinhança e escola
V Adolescência (13 a 20 anos)	Fase genital	Puberdade	Identidade vs. Confusão de papéis	Grupo de iguais e outros grupos; modelos de liderança
VI Idade Adulta Jovem (20 a 40 anos)		Genitalidade	Intimidade vs. Isolamento	Parceiros de amizade, sexo, competição, cooperação
VII Idade adulta (dos 40 a 60 anos)		Procriatividade	Generatividade vs. Estagnação	Trabalho dividido e família e lar compartilhados
VIII Velhice (final dos 60 anos em diante)		Generalização de modos sensuais	Integridade vs. Desespero	Gênero Humano

QUADRO 1 - Síntese dos estágios de formação de identidade.

Fonte: Elaborado a partir de informações extraídas de Erikson, 1998.

#### a) Confiança versus desconfiança

A crise psicossocial confiança versus desconfiança corresponde ao dilema enfrentado no estágio oral sensorial, que para Erikson se subdivide em duas etapas de incorporação do mundo externo. A primeira se relaciona com os padrões de sucção e a segunda, com o sentimento de agarrar e reter.

No primeiro momento há uma completa dependência do bebê em relação à mãe. Aqui, o bebê precisa receber e aceitar o que lhe é dado, utilizando para isso o mecanismo de sucção. Quando o bebê consegue estruturar o que recebe e aprende a fazer com que alguém lhe dê o que precisa, começa a estruturar sua realidade e desenvolve um núcleo adaptativo para futuramente poder ser um doador.

A segunda etapa se inicia com o aparecimento da primeira dentição infantil, por meio da qual o bebê pode morder as coisas e arrancar pedaços dela, num modo que Erikson denominou de ativo-incorporativo. A passagem por este período desenvolvimental já se constitui em um desenvolvimento adaptativo, orientado pela lógica cultural na qual está inserido o indivíduo. Se o bebê tem uma relação inicial bem estabelecida com a mãe, pode desenvolver a força básica de esperança – essencial para os estágios posteriores.

Aprimorando o sentimento de que o mundo é bom, que os adultos não o abandonarão e que o mundo externo possui uma certa previsibilidade, o bebê estruturará sua confiança. Erikson destaca ainda que a confiança e a esperança são requisitos básicos para o desenvolvimento da fé e da religião.

Aqui podemos pensar nos bebês que não tiveram a possibilidade de vivenciar uma relação qualitativa de maternagem, seja com sua própria mãe ou com um cuidador substituto, o que pode gerar a resolução da antítese desta crise psicossocial pela dimensão da desconfiança e pela crença de que o mundo e a sociedade sejam lugares inóspitos.

#### b) Autonomia versus vergonha e dúvida

A crise psicossocial autonomia versus vergonha e dúvida acontece no estágio anal-muscular de desenvolvimento, que é dominado pelos modos psicosssexuais retentivos e eliminativos. A retenção e a eliminação constituem-se em modalidades precursoras, porém conflitivas, do desenvolvimento psíquico infantil. Nesta etapa, a criança oscila entre os prazeres de poder reter e se apoderar das coisas, bem como o de eliminar obstinadamente; e o temor de que estes prazeres destruam as aquisições realizadas na etapa anterior de desenvolvimento, como o sentimento de fé.

Assim, o agarrar pode se transformar em um reter destrutivo e cruel ou pode se tornar um padrão de cuidado: ter e sustentar. A eliminação pode ser a liberação de forças destrutivas ou um calmo deixar ir. Esta crise psicossocial é direcionada pelas exigências dos pais em relação à criança, para que ela tenha o

autocontrole de seus produtos. O treinamento necessário para isso, oferecido pelos pais, algumas vezes, pode ser insuficiente ou exagerado, podendo originar o sentimento de fracasso na criança.

O sentimento de derrota neste processo pode dar origem à vergonha e dúvida. A vergonha é um sentimento construído culturalmente que dá ao indivíduo a consciência de que está totalmente exposto e sendo claramente observado. Quanto à dúvida, está relacionada ao sentimento no qual a criança põe em questionamento a sua autonomia, uma vez que sentiu prazer em eliminar os seus produtos, que são rejeitados pela sociedade.

A resolução desta crise, se bem sucedida, pode ser definida pelo senso de autonomia, no qual o autocontrole aliado à auto-estima está presente. A autonomia é importante para as fases posteriores de desenvolvimento e para a sociedade, uma vez que promove um sentimento de justiça.

#### c) Iniciativa versus culpa

Neste ponto, entramos na fase do brincar, de grande explosão locomotora, que é governada pelos modos intrusivo e inclusivo, etapa na qual o Complexo de Édipo é um conflito que tem de ser solucionado.

O modo intrusivo está relacionado com a entrada da criança no espaço locomotor, na descoberta do desconhecido, de pessoas ou objetos. Já o modo inclusivo se caracteriza pela prontidão de estabelecer relações ternas com outras pessoas e uma receptividade tranqüila. Estes modos, nesta etapa de desenvolvimento, se complementam e se alternam.

Nesta etapa, a insistência no objetivo e o prazer de conquistar objetos e pessoas podem sinalizar o surgimento da iniciativa. As diferenciações sexuais estão presentes e uma libidinação do pênis e da vagina pode ser manifestada nas brincadeiras.

Algumas brincadeiras também servem para dramatizar o conflito edípico pelo qual a criança está passando, já que a iniciativa de conquistar a figura parental do sexo oposto pode levar ao desenvolvimento da culpa, pelo medo da perda do amor do genitor do mesmo sexo, além da sensação de estar fazendo algo proibido.

#### d) Diligência versus inferioridade

A idade escolar, que corresponde à latência, exige do indivíduo um ajustamento às leis inorgânicas do mundo, pela possibilidade de conquistar a consideração social produzindo coisas. A fase de latência – assim denominada por Freud devido ao adormecimento dos impulsos violentos presentes em outras etapas de desenvolvimento – é caracterizada na obra eriksoniana pela fase infantil-genital, que tem como função instrumentalizar o indivíduo, ainda que de maneira rudimentar,

para que adquira técnicas sociais que lhe serão úteis para as posteriores situações de trabalho.

A crise psicossocial desse período, diligência versus inferioridade, pode levar o indivíduo a um sentimento de ser competente e adaptado às regras instrumentais do mundo, bem como, aos esquemas de cooperação social (diligência). Contudo, a inferioridade pode girar em dois pólos: o primeiro impulsiona o indivíduo para obtenção de melhores resultados e o segundo pode ter um efeito paralisante ou mesmo regredido.

A escola é a instituição social que mais adquire importância na socialização do indivíduo nesta etapa de vida. Erikson argumenta que, mesmo em sociedades nas quais não exista o ensino formal, a escolarização está presente nesta etapa por meio de uma instrução sistemática e na transmissão da cultura social.

Duas questões importantes para o convívio social são apontadas por Erikson. A primeira é que, nesta etapa, o desenvolvimento de muitas crianças pode ficar comprometido, se a família, por qualquer motivo, não preparou a criança para a vida escolar, ou quando a vida escolar não cumpre o que promete. A segunda questão está relacionada com a descoberta de fatores culturais que apontam as diferenças individuais, muitas vezes em um processo desqualificante. Vale lembrar que, embora os adultos significativos continuem sendo modelos, as crianças nesta faixa etária são bastante independentes de seus cuidadores e se tornam mais sociais, especialmente no ambiente escolar.

#### e) Identidade versus confusão de papéis

Esta crise é considerada por vários autores (OSÓRIO, 1989; RAPPAPOT, 1982) como a maior contribuição de Erikson para o estudo do desenvolvimento humano, um aspecto da obra do autor que tem influenciado várias propostas e ações educativas para o público adolescente.

Nesta crise psicossocial, o adolescente tem que resolver três dilemas necessários para a constituição de sua identidade: o dilema sexual, o ideológico e o profissional. No dilema sexual há uma reativação do Complexo de Édipo e algumas questões em relação aos genitores têm que ser novamente pensadas. Os adolescentes superidentificam-se, temporariamente, numa aparente perda de identidade nos grupos sociais, para depois se diferenciarem. Na igualdade com os outros, o indivíduo consegue reconhecer suas diferenças.

Nesta diferenciação, também surge a paixão adolescente, na qual, a princípio, a figura amada é depositária de projeção de uma imagem ainda difusa do ego, para aos poucos começar a ser mais bem definida. A definição da identidade ideológica é desenvolvida pela conciliação da moral aprendida pela criança e a ética que precisa ser desenvolvida no adulto. Muitas vezes, os adolescentes se posicionam no mundo como reconstrutores sociais, envolvendo-se em causas com valores ideológicos; e como críticos de uma hipocrisia social, muitas vezes, atribuem aos

seus pais representações sociais negativas, o que pode ser um indício de grande conflito familiar.

Outro dilema a ser resolvido corresponde à definição da identidade profissional ou ocupacional. A escolha profissional pode estar profundamente ligada a um sentimento de reparação, na qual o adolescente pode definir realizações no mundo externo que possam corresponder às incertezas ou franquezas que possui em fantasia (cf. ERIKSON, 1971). Erikson propõe que este é um estágio importante para a consolidação de uma identidade que faça sentido e que seja a continuidade de sua história passada e uma orientação para o desenvolvimento futuro.

O grande perigo desta etapa desenvolvimental é a confusão de papéis na qual o indivíduo pode ficar imobilizado ou mesmo regredir para etapas prévias de desenvolvimento, o que impossibilita a definição de filiações importantes para a entrada no mundo adulto.

#### f) Intimidade versus isolamento

Nesta fase, a mutualidade genital acaba por compor o senso ético que é uma marca na vida adulta. A intimidade buscada neste período compreende uma fusão de identidades nas relações de trabalho, sexuais ou de amizades que podem se tornar complementares.

Cabe ao indivíduo, ao final desta etapa, afirmar sua identidade como adulto independente de suas relações parentais ou de seu grupo de iguais, comprometendo-se com associações concretas que exijam compromissos significativos, nos quais possa ter intimidade.

Erikson afirma que o verdadeiro perigo desta fase é o isolamento, no qual o indivíduo pode evitar contatos que o obriguem à intimidade, ou até mesmo pode reviver os conflitos passados para aquisição de sua identidade. Para o autor, os antagonismos entre as antíteses intimidade e isolamento podem ser solucionados pelo amor, que emerge como possibilidade para resolver os impasses da função dividida. O amor se constitui aqui como uma “mutualidade de dedicação madura” (cf. ERIKSON, 1998).

A exclusividade também é um aspecto importante desta crise psicossocial, essencial para que se possa ter a verdadeira intimidade, uma vez que a incapacidade de o indivíduo rejeitar algumas coisas, ou melhor, qualquer coisa, acaba por levá-lo a uma desastrosa auto-rejeição.

Os indivíduos deste ciclo de vida participam de ritualizações associativas, nas quais os parceiros de amizade, sexo, cooperação e competição acabam por cultivar estilos, formas de comportamento e linguagens próprios de um grupo do qual fazem parte. Os jovens adultos, mesmo com estilos de vida compartilhados, conservam sua identidade individual, na qual utilizam a solidariedade como ligação entre os outros membros do grupo.

### g) Generatividade versus estagnação

Nesta crise psicossocial, todas as forças básicas desenvolvidas nas etapas anteriores, a saber, esperança, fé, fidelidade e amor emergem para sustentar as relações de trabalho, família e lar compartilhados. Este é o estágio mais longo do gráfico da vida no qual os interesses estão voltados para aquilo que pode ser gerado, produzido e criado junto. Erikson denominou-o de Generatividade, no qual o indivíduo ao mesmo tempo em que cuida de interesses comuns promove uma autogeração de sua identidade.

O cuidado emerge aqui com o compromisso, cada vez mais amplo, de cuidar de pessoas, coisas e idéias. Contudo, o cuidado também possui o seu caráter seletivo, uma vez que rejeitamos objetos de cuidado que nos aparecem como perigosamente diferentes. O senso de generatividade pode falhar ocorrendo a regressão a estágios anteriores de desenvolvimento ou na forma de busca permanente de pseudo-intimidades ou de uma compulsiva preocupação com a auto-imaginação – o que Erikson denominou de estagnação.

### h) Integridade versus desespero

A integridade para Erikson se caracteriza por um senso de coerência e inteireza, que pode ser ameaçado pela perda de vínculos nos três processos organizadores da personalidade: soma, psique e etos. Da integridade emerge uma força específica que é a sabedoria, caracterizada por uma preocupação informada e imparcial com a vida e com a morte.

Neste período pode surgir em contraposição à sabedoria uma reação de desdém, em relação ao próprio indivíduo e aos outros. O desdém advém de um sentimento de desespero que geralmente nesta fase está ligado a um continuado senso de estagnação, surgido na etapa anterior e a uma sensação de finitude e morte próxima.

## 4. A PRISÃO MATERNA E O DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS

Com base nos apontamentos anteriormente realizados, podemos considerar que o aprisionamento materno é um evento importante na vida dos filhos, com um significado social específico e que pode resultar em dificuldades para a resolução de conflitos de determinadas fases de sua vida; seu impacto pode ser intensificado ou não de acordo com a fase de desenvolvimento em que a criança se encontrava quando do aprisionamento materno.

A seguir fizemos a tentativa de relacionar o impacto do aprisionamento materno às etapas desenvolvimentais das crianças, com certeza este é apenas um

ensaio que pesquisas aprofundadas nesta área poderão reafirmar ou refutar estas primeiras preposições. Em pesquisa anterior realizada com jovens adultos, sobre a história de vida de filhos de mulheres presas pudemos verificar alguns dos aspectos aqui apontados (Autor, 2005), mas com certeza esta é uma área de debate apenas inaugurada que necessita de estudos sistemáticos e reflexões aprofundadas.

No primeiro<sup>5</sup> ano de vida da criança, o aprisionamento materno e a conseqüente separação mãe-presas bebê podem comprometer a manutenção de vínculos entre mães e filhos, bem como dificultar o estabelecimento de relações de confiança, especialmente se o bebê não tiver a possibilidade de vivenciar outro vínculo de maternagem. Nesta fase, o bebê ainda não tem o entendimento de atos criminais e da prisão, sendo afetado em sua constituição mais pelo rompimento do vínculo mãe-bebê, do que propriamente pelo significado social atribuído à delinqüência materna.

Na infância inicial (até os dois anos de idade), os filhos de mulheres presas podem ter um comprometimento em sua autonomia, uma vez que a separação traumática e prolongada dos pais, especialmente da mãe, pode comprometer o desenvolvimento desta fase, tornando a criança dependente e com problemas de autoconfiança e de ajustamento às leis do mundo social, embora também, como na fase anterior, ainda não compreenda o significado social da prisão materna.

Na idade do brincar (três a cinco anos), os filhos de mulheres presas já têm um maior grau de entendimento e conhecimento, assim estão mais vulneráveis ao trauma da separação pela prisão dos pais do que os bebês, podendo ter comprometida a aquisição de sua iniciativa. Contudo, essas crianças, assim como os bebês, não são capazes de expressar verbalmente suas emoções e sofrimentos, dispondo da habilidade para perceber e lembrar dos eventos traumáticos, mas não podendo processar e ajustar o trauma sem assistência.

Na idade escolar (seis aos 12 anos), embora os adultos significativos continuem sendo modelos, as crianças nesta faixa etária são bastante independentes de seus cuidadores e se tornam mais sociáveis, especialmente no ambiente escolar. Com a prisão materna, a criança pode ser alvo de preconceito e experimentar na escola as primeiras formas de exclusão social, pelo estigma social atribuído à prisão materna estando mais suscetível a problemas escolares e a comportamentos agressivos e podem apresentar dificuldades de identificação com modelos adultos.

A adolescência é uma fase de crises e confusão na maioria das sociedades ocidentais, em que o aprisionamento de um dos pais pode gerar atitudes negativas em relação às leis e à justiça criminal. Como a autoridade dos pais está sendo questionada, os adolescentes podem se aproximar do modelo materno de criminalidade, para depois estabelecerem sua própria identidade. Nesta etapa, as mães podem já ter sido encarceradas muitas vezes e, dificilmente, vão se unir aos filhos, após a libertação.

O aprisionamento materno na vida dos jovens adultos também influi na crise de desenvolvimento em que se encontram os filhos, já que o sujeito tendo que

se voltar para outras questões, relacionadas ao aprisionamento materno, pode não ter disponibilidade para resolver os conflitos inerentes de sua fase desenvolvimental, como o estabelecimento de intimidade em relações compartilhadas. Aqui os filhos podem desenvolver uma atitude de cuidado com suas mães, na tentativa de prevenir futuros atos criminais maternos.

Esperamos com este trabalho colaborar para a reflexão sobre este campo de conhecimento, instigando o debate e a propositura de novas pesquisas especialmente na área de educação, já que a escola por sua socialização secundária pode auxiliar os indivíduos que passam por esta situação singular, na tentativa de amenizar os impactos do aprisionamento materno no desenvolvimento das crianças.

## 5. REFERÊNCIAS

- BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- . **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- . **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artemed, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- HORHHEIMER, Max, ADORNO, Theodor. **Temas básicos da Sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ; —-. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- MYERS, David G. **Explorando a Psicologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente Hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- RAPPAPORT, Clara R. et al. **A idade escolar e a adolescência**. São Paulo: EPU, 1982.
- SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- SPITZ, René, A. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- STANTON, Ann M. **When mothers go to jail**. Chicago, EUA: Health and Company, 1980.
- STELLA, Claudia. **Filhos (as) de mulheres presas: soluções e impasses para seu desenvolvimento**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

NOTAS

1 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: claudiastella@mackenzie.br.

2 As traduções de textos em língua estrangeira, inseridas no corpo do trabalho, são de responsabilidade da autora.

3 “Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos, com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (GOFFMAN, 1996, p.11).

4 Nas obras de Erikson consultadas, o autor não traz claramente as idades relacionadas a cada fase de desenvolvimento, esta informação foi retirada de Myers, 2003.

5 As idades aqui apresentadas são aproximadas, uma vez que o processo desenvolvimental não obedece rigidamente às definições de faixa etária.

Recebido em: 15/10/2009.

Aprovado para publicação em: 28/12/2009.